



Aos seres que ousam, ousaram e ousarão

O movimento social LGBTQIA+ brasileiro a partir do jornal Lampião da Esquina (1978-1981) em uma proposta para o Ensino de História

LAMPIÃO
Assine agora.

Nathan Damazio

Ficha catalográfica

Elaborada pelo autor.

Damazio, Nathan.

Aos seres que ousam, ousaram e ousarão: o movimento social LGBTQIA+ brasileiro a partir do jornal *Lampião da Esquina* (1978–1981) em uma proposta para o Ensino de História [recurso eletrônico] / Nathan Damazio. – [S. l.], 2025.

55 p.

Inclui bibliografia.

1. Ensino de História. 2. Movimento social LGBTQIA+. 3. Jornal. I. Título.



PROFHISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA

A toda criança e adolescente LGBTQ+ que, entre os muros da escola, busca um lugar seguro para ser.

A quem nunca se viu nas páginas dos livros de História, mas sempre fez parte dela.

Aos meus alunos queridos, que dão sentido a esta caminhada.

Aos seres que ousam, ousaram e ousarão.

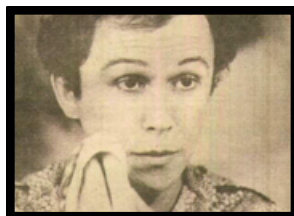


Apresentação

Este material didático é fruto de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no campo dos **Estudos de Gênero** e do **Ensino de História**. Seu objetivo é propor estratégias para integrar a história do **movimento social LGBTQIA+ brasileiro** — especialmente nas décadas de 1970 e 1980 — às aulas de História do Ensino Médio.

O jornal *Lampião da Esquina* é utilizado como fonte principal e inspira a criação de atividades que buscam promover a empatia, o respeito à diversidade e o combate à **LGBTfobia** entre os estudantes.

A proposta fundamenta-se na **Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017)** e no **Currículo Base do Território Catarinense (CBTC, 2021)**, dialogando com os princípios da **Teoria Queer**. Com isso, entende-se que dar visibilidade às experiências de pessoas gays, lésbicas, transexuais, travestis e de outras identidades que desafiam a cisheteronorma, por meio do Ensino de História, é um gesto de transgressão ao ensino hegemônico e de valorização da pluralidade humana.



Brigitte Blair

Sumário



Capítulo 1 – Espaços de afetos e lutas – 8

- O jornal Lampião da Esquina – 9
- O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) – 11
- Cartografias LGBTQIA+: espaços de afetos e resistências – 14
- **Atividade 1** – Lugares de Memória LGBTQIA+: explorando o Mapa Interativo do Museu Bajubá – 16
- Para além de Stonewall: o levante do Ferro’s Bar – 18
- **Atividade 2** – Cultura material LGBTQIA+: os episódios de Stonewall e Ferro’s Bar – 20

Capítulo 2 – Corpos em movimento – 27

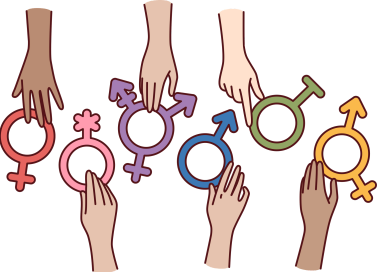
- Verushka, pelo direito de ir e vir – 28
- Histórias que se cruzam: “a santa dos travestis e homossexuais” conversa com Tatiana, “a romântica”, e Flávia, “a objetiva” – 32
- Djalma Santos: artista plástico, travesti, showperson e gaúcho de Alegrete – 36

Capítulo 3 – Conexões transnacionais – 40

- Sufoco na Argentina: um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla – 41
- **Atividade 3** – Relatório – 43
- **Atividade 4** – Carta do Exílio – 44
- O Movimento pela Liberação Homossexual nos EUA e a figura de Harvey Milk – 45
- **Atividade 5** – Explorando arquivos históricos LGBTQIA+ – 48
- Ecos de um Mundo em Luta – 51
- AMOR, FEIJÃO, ABAIXO O CAMBURÃO: resistência às ações policiais de Richetti – 54
- **Atividade 6** – Memórias LGBTQIA+ entre violências e resistências – 55
- Referências – 58



Rogéria



Para início de conversa...

Sexo biológico: O sexo é comumente atribuído com base em características anatômicas e genéticas e produções hormonais (cromossomo XX {vagina}, XY {pênis} ou intersexo), mas essa classificação não dá conta da complexidade das experiências humanas. O termo “hermafrodita”, por exemplo, hoje considerado inadequado e estigmatizante, foi substituído por “intersexo”, reconhecendo a multiplicidade de expressões corporais que não se enquadram nas categorias tradicionais de masculino e feminino.

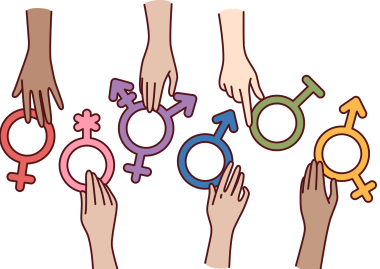
Gênero: O gênero, por sua vez, é compreendido como uma construção social, historicamente situada e culturalmente variável. Atribuído com base no sexo biológico, ele se expressa por meio de normas, comportamentos, linguagens e símbolos que definem o que se espera de homens e mulheres em cada sociedade. A identidade de gênero refere-se à maneira como cada indivíduo se percebe — podendo coincidir ou não com o gênero atribuído ao nascimento —, enquanto a expressão de gênero diz respeito às formas como essa identidade é manifestada publicamente, por meio do vestuário, da linguagem corporal, da voz, entre outros aspectos.

Orientação afetivo-sexual: No que se refere à orientação afetivo-sexual, esta diz respeito à direção da atração física, emocional e afetiva de uma pessoa, podendo ser heterossexual, homossexual, bissexual/pansexual ou assexual, entre outras possibilidades. A orientação sexual, assim como o gênero, é uma dimensão identitária complexa e não corresponde a uma escolha consciente, mas a uma vivência subjetiva que se constitui ao longo do tempo.

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL (Brasil). MAPA: **Material de Apoio do Professor Aliado**. São Paulo: MDS, [s.d.].



Para o professor(a)!



Para início de conversa...



MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL (Brasil). MAPA: Material de Apoio do Professor Aliado. São Paulo: MDS, [s.d.].



MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL (Brasil). MAPA: Material de Apoio do Professor Aliado. São Paulo: MDS, [s.d.].

Capítulo 1 - Espaços de afetos e lutas

Material/Atividade	Categoria	Habilidades	Objetos de conhecimento
O jornal Lampião da Esquina	SOCIEDADE	Desnaturalizar as desigualdades sociais, compreendendo-as como um problema estrutural na construção das sociedades, nas diferentes temporalidades e espacialidades, especialmente interseccionadas pelas desigualdades de gênero, raça e etnia.	Desigualdades sociais e estruturais.
O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB)		Entender os movimentos de resistência ao longo da história, considerando as implicações geográficas, culturais, históricas, filosóficas, políticas, econômicas e sociais nas diversas espacialidades.	Sociedade e movimentos de resistência.
Cartografias LGBTQIA+: espaços de afetos e resistências	MEMÓRIA	Compreender a memória social, constituída dos esquecimentos e silenciamentos dos diversos sujeitos históricos nas múltiplas temporalidades e espacialidades.	Memória, esquecimento e silêncio.
Atividade 1 - Lugares de Memória LGBTQIA+: explorando o Mapa Interativo do Museu Bajubá			
Para além de Stonewall: o levante do Ferro's Bar		Sensibilizar acerca da educação patrimonial ao destacar a importância da preservação dos bens culturais e naturais	Educação Patrimonial.
Atividade 2 - Cultura material LGBTQIA+: os episódios de Stonewall e Ferro's Bar			

Fonte: elaboração do autor (2025), a partir do CBTC.



O jornal Lampião da Esquina

Na segunda metade dos anos 1970, surgiu no Brasil o **Lampião da Esquina**, um jornal feito por e para pessoas homossexuais. **Junto com ele, começava a se formar um movimento social em defesa dos direitos da população LGBTQIA+**. Convém chamar a atenção para o fato de que o Lampião da Esquina não foi a primeira experiência de uma imprensa homossexual no Brasil, mas sim o primeiro periódico com alcance nacional e conteúdo político acentuado.

Os jornalistas do Lampião tinham como objetivo tirar as homossexualidades do “gueto”, trazendo à tona temas ligados à arte, ao entretenimento e, principalmente, às violências e repressões que essas pessoas sofriam.

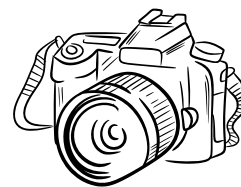
O jornal teve grande importância por assumir abertamente sua posição em um período em que expressar sexualidades diferentes da norma era motivo de estigma e discriminação.

Ao dar visibilidade a figuras como a sambista lésbica **Leci Brandão**, ou artistas trans como **Rogéria, Fará Falsete, Virna e Aziza**, o Lampião da Esquina rompeu com os discursos tradicionais que sempre colocaram essas identidades à margem, muitas vezes ligadas apenas ao sensacionalismo ou ao crime. **O jornal ajudou a construir uma nova forma de falar sobre sexualidade e identidade de gênero**

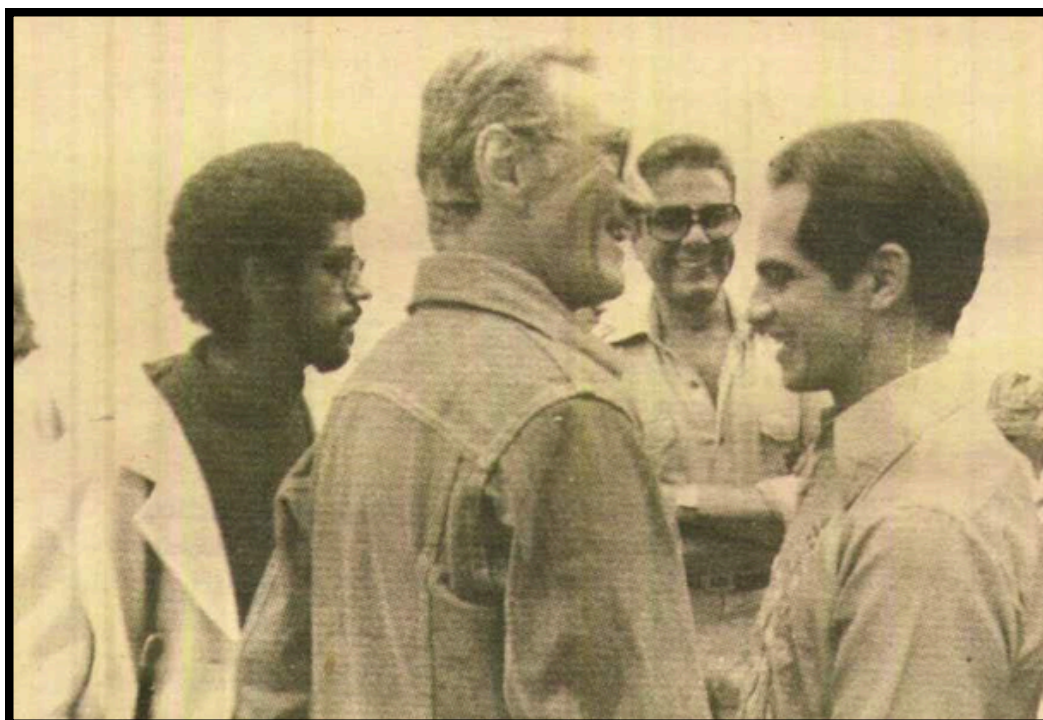


Grupo de leitores do jornal Lampião da Esquina.

Os lampiônicos



Peter Fry, João Silvério Trevisan, Celso Curi, Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas e Darcy Penteadó (Lampião da Esquina, n. 1, 1979).



Adão Acosta, Gasparino Damata, Aguinaldo Rayol e João Antônio Mascarenhas (Lampião da Esquina, n. 1, 1979).

O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB)

Quem eram os jornalistas por trás do projeto Lampião da Esquina? Entre eles estavam **João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva, Mariza, Peter Fry, Edward MacRae, Antônio Chrysóstomo, Darcy Penteado e Adão Acosta**. O Lampião da Esquina surgiu em um momento muito difícil do Brasil, durante a **Ditadura Militar**. Naquela época, o Congresso Nacional foi fechado por um tempo, direitos políticos foram suspensos, a imprensa e a cultura sofreram censura, e quem se opunha ao regime era alvo de violência.

O jornal nasceu em meio a esse cenário repressivo, e a maioria da equipe era formada por homens homossexuais de classe média, com boa formação intelectual. Eles tinham contato com as ideias da **Contracultura dos anos 1960 e 1970**, especialmente aquelas que circulavam nos Estados Unidos e em partes da Europa. Esse contato aconteceu em parte por causa do exílio imposto pelo regime militar, que acabou influenciando a visão desses jovens e ajudou a moldar o conteúdo do Lampião da Esquina.

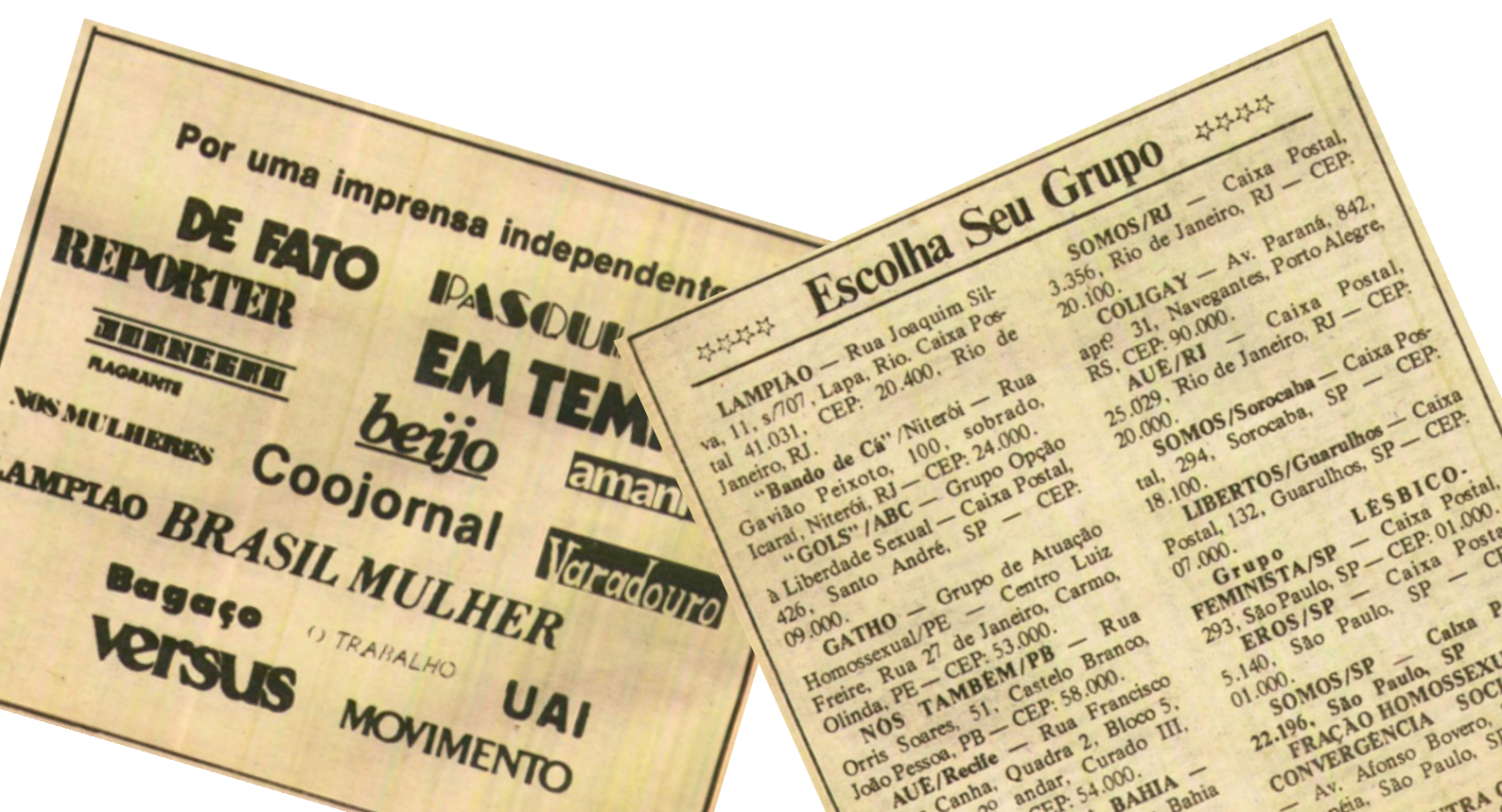
O movimento de liberação homossexual no Brasil, que o jornal ajudou a fortalecer, foi uma tentativa de abrir espaço para o diálogo com o mundo e com as mudanças do seu tempo, apesar das dificuldades.

Glauco, Alfredo (do grupo Somos), Trevisan, Cândido Procópio e o representante do Diretório Acadêmico de Ciências Sociais da USP (Lampião da Esquina, 1979).



O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB)

Em fevereiro de 1979, ocorreu na Universidade de São Paulo (USP) um debate com o tema “O caráter dos movimentos de emancipação”, que teve como foco a luta de sujeitos historicamente discriminados, como indígenas, negros, homossexuais e mulheres. Foi nesse evento que o **SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual** fez sua primeira aparição pública, contando também com a participação de integrantes do jornal Lampião da Esquina. A presença nesse debate representou um marco importante na trajetória do grupo, contribuindo para que o SOMOS ganhasse maior visibilidade. O desejo de se organizar politicamente por meio de grupos, coletivos e núcleos voltados à afirmação e defesa das homossexualidades não apenas fortaleceu redes de afeto e pertencimento em espaços onde era possível expressar livremente a identidade, como também se mostrou fundamental para a sobrevivência diante do preconceito e da violência.

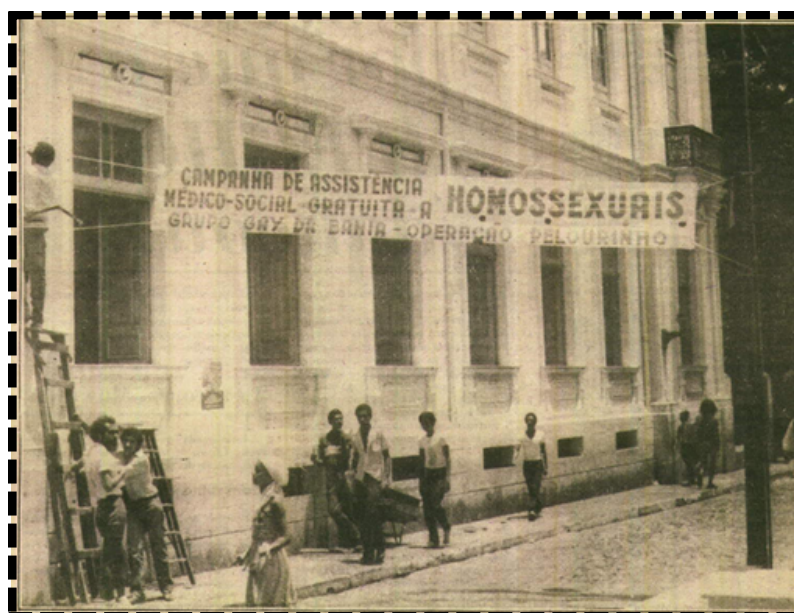


O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB)

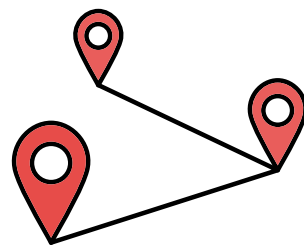
No início dos anos 1980, surge outra organização de extrema relevância para a história do movimento social LGBTQIA+ no Brasil: o **GGB - Grupo Gay da Bahia**. Sob a liderança do pesquisador **Luiz Mott**, o GGB — ainda em atividade — protagonizou ações fundamentais, como a campanha vitoriosa pela despatologização do “**homossexualismo**” no país em 1985, o resgate de biografias inéditas de centenas de sodomitas luso-brasileiros perseguidos pela Inquisição, além de registrar trajetórias de lésbicas e pessoas trans que marcaram a história nacional. A entidade também esteve na linha de frente da prevenção à Aids junto à população gay, aos deficientes visuais e às comunidades de candomblé (Mott, 2018), entre outras iniciativas. A relevância do GGB foi reconhecida inclusive pelo jornal *Lampião da Esquina*, que registrou parte significativa da atuação do grupo em defesa dos direitos LGBTQIA+ no Brasil.

O termo **homossexualismo** é evitado porque o sufixo “-ismo” sugere doença. Até 1990, a homossexualidade era tratada como transtorno. Hoje, usa-se **homossexualidade**, reconhecendo que não se trata de doença, mas de uma orientação sexual legítima.

Campanha de Assistência Médico-Social do GGB no início dos anos 1980.



Cartografias LGBTQIA+: espaços de afetos e resistências



Apesar de serem espaços marcados por segregação, **os chamados guetos gays funcionaram historicamente como locais de sociabilidade e também de articulação política.** Neles, lideranças homossexuais se organizavam, dando forma a um movimento social que emergia mesmo diante de contextos adversos. Esses ambientes possuíam um caráter ambíguo: ao mesmo tempo em que ofereciam um refúgio onde pessoas LGBTQIA+ podiam viver com maior liberdade, também eram marcados pelo isolamento, delimitando os desviantes do convívio social mais amplo. Em muitos países, a clandestinidade desses espaços colaborou para a produção de subjetividades marginalizadas, ao mesmo tempo em que revelava a omissão ou até a conivência da sociedade diante da violência e da opressão de gênero que essa população enfrentava.



Cartografias LGBTQIA+: espaços de afetos e resistências



No Brasil, especialmente em São Paulo durante as décadas de 1970 e 1980, pode-se observar o fortalecimento de um senso de comunidade dentro desses espaços. Reuniões políticas e afetivas aconteciam em casas de militantes, como a da líder lésbica Téka, onde se organizavam ações, cultivavam vínculos e também se celebrava a convivência.

Após os encontros, era comum que os participantes se dirigissem a pontos conhecidos do gueto homossexual paulistano, como a **Lanchonete 17**, o restaurante **O Gato que Ri**, ambos localizados no **Largo do Arouche**, e o **Ferro's Bar**, tradicionalmente frequentado por lésbicas na Rua Martinho Prado. Esses locais funcionavam como extensões dos espaços de militância, onde a vida cotidiana e a luta política se entrelaçavam.

Gueto: termo utilizado na época para indicar os espaços semiclandestinos de convívio das homossexualidades.

Bairro Madureira, no Rio de Janeiro (Lampião da Esquina, 1979).



Atividade 1 – Lugares de Memória LGBTQIA+: explorando o Mapa Interativo do Museu Bajubá

1ª etapa:

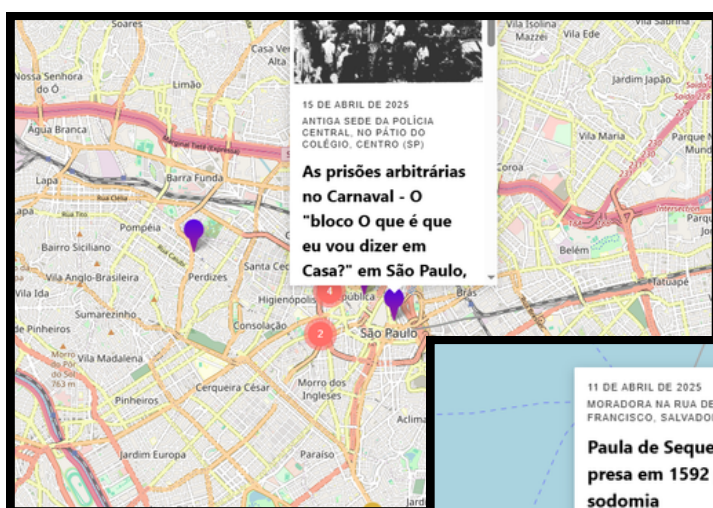
Acesse o site do Mapa Interativo do patrimônio cultural LGBTI+ do Museu Bajubá: <https://museubajuba.org/mapa-interativo/>



Em grupo, sigam as instruções:

- Escolham um ponto do mapa (ou dois, se tiverem tempo);
- Cliquem no marcador para ler com atenção as informações disponíveis sobre o local.

**Observe a seguir alguns lugares de memória
LGBTQIA+ presentes no mapa interativo:**



Atividade 1 – Lugares de Memória LGBTQIA+: explorando o Mapa Interativo do Museu Bajubá

2ª etapa:

Depois, anotem as respostas para as perguntas abaixo:

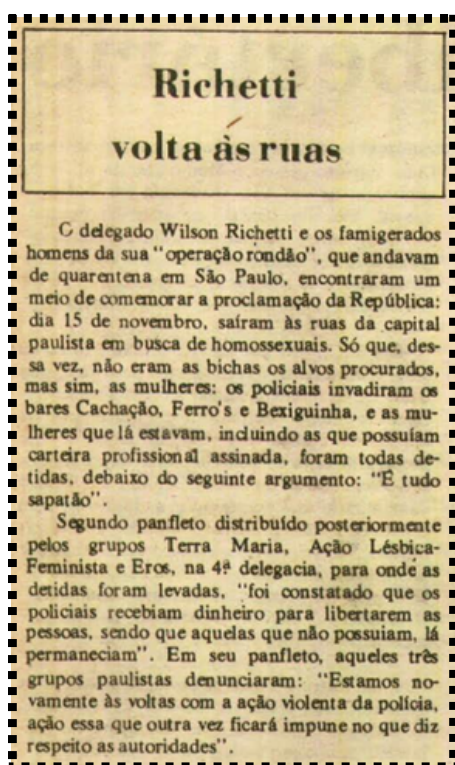
1. Qual é o nome e a localização do lugar escolhido?
2. Qual é a importância histórica desse lugar para a população LGBTQIA+?
3. Que tipo de experiência ou memória esse espaço representa?
(Ex: resistência, exclusão, celebração, violência, cultura, sociabilidade etc.)
4. Esse lugar se relaciona com algum evento histórico local ou nacional?
5. Esse espaço foi, em algum momento, apagado da história?
Como ele foi reivindicado ou ressignificado?



Para além de Stonewall: o levante do Ferro's Bar

No dia 15 de novembro de 1980, feriado da Proclamação da República, a chamada Operação Sapatão foi conduzida pelo delegado Richetti e sua equipe, e consistiu em uma série de batidas policiais em bares conhecidos por serem frequentados por mulheres lésbicas. Entre os alvos estavam o **Cachação**, o **Ferro's Bar** e o **Bexiguinha**, todos espaços de sociabilidade importantes para esse grupo.

Alguns anos depois, o próprio Ferro's Bar se tornaria cenário de um marco na história do movimento LGBTQIA+ no Brasil, especialmente na luta das mulheres lésbicas contra o preconceito. Essa ação ficou conhecida como a ocupação do Ferro's Bar e foi organizada pela ativista **Rosely Roth**, junto com outras integrantes do **Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF)**. O episódio ganhou ampla repercussão na sociedade paulistana.



Lampião da Esquina, n. 31, 1980.



As militantes do GALF (Acervo do Boletim Um Outro Olhar).

Para além de Stonewall: o levante do Ferro's Bar

Em julho de 1983, militantes do GALF tentavam distribuir o boletim **ChanacomChana**, mas foram impedidas de entrar no Ferro's Bar para realizar essa atividade. Diante da postura autoritária do dono do estabelecimento, Rosely Roth articulou uma ação de resistência envolvendo lésbicas, gays, feministas, defensores de direitos humanos, políticos e a imprensa. **No dia 19 de agosto, o bar foi ocupado em um ato político que gerou tumulto, cobertura da mídia e presença policial.**

Após a mobilização, o dono do bar voltou atrás em sua decisão. Essa vitória tornou-se um marco na história do movimento lésbico no Brasil. **Em reconhecimento à importância de Rosely Roth e desse episódio, a partir de 2003, a cidade de São Paulo passou a celebrar, em 19 de agosto, o Dia do Orgulho Lésbico.**

A Ocupação do Ferro's Bar (Acervo Folha de São Paulo).



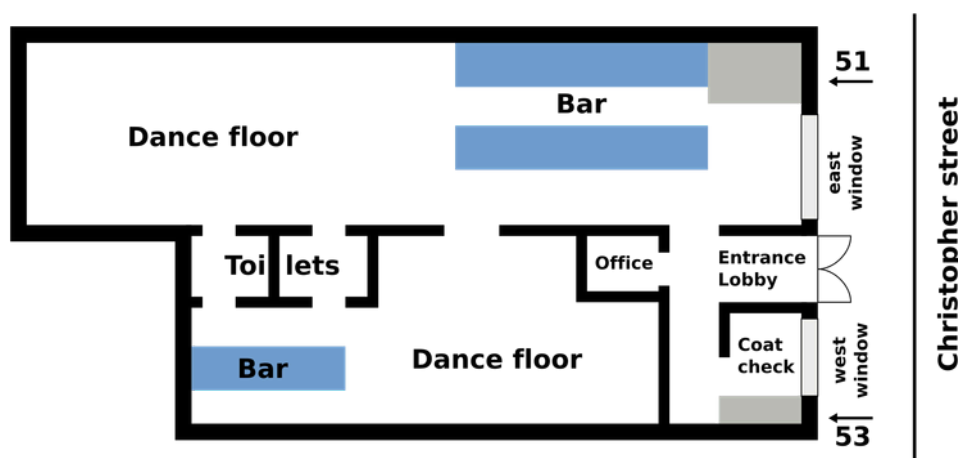
Atividade 2 – Cultura material

LGBTQIA+: os episódios de Stonewall e Ferro's Bar

1ª etapa:

Leia um excerto do artigo **Por cidades queer, por cartografias sapatonas: ensaio arqueológico sobre o Stonewall Inn e o Ferro's bar como lugares de memória LGBTQIA+**, da arqueóloga Flora Villas Carvalho.

27 de junho de 1969. Rua Christopher Street, entre West 4th Street e a Waverly Place, no bairro de Greenwich Village, Nova York. Era tarde da madrugada quando a polícia chegou. Vieram em poucos, como de costume, para cobrar sua taxa – aquela que recebiam toda semana para permitir os “viados” de existirem em paz por um respiro – mas, dessa vez, vinham bem mais tarde que o habitual. Eram nove, nove policiais adentrando o bar, ainda cheio de pessoas de todos os tipos, corpos, cores, roupas, adereços [...]



Planta do Stonewall Inn em 1969 (CARTER, David. Stonewall: The Riots that Sparked the Gay Revolution, 2004).

Atividade 2 – Cultura material

LGBTQIA+: os episódios de Stonewall e Ferro's Bar

O clima entre os policiais, funcionários do bar e frequentadores vai ficando cada vez mais desconfortável. Dava pra sentir o cheiro de desconforto no ar do bar lotado, junto com o cheiro de charutos sendo fumados a cada canto. As coisas foram escalando. Berros, encostadas, apalpadas, empurrões, socos, chutes. Aos poucos, alguns frequentadores vão sendo expulsos, mas a multidão ao lado de fora (expulsos, convidados, transeuntes, colegas de causa) foi se multiplicando, mais e mais. Os policiais tentam prender quantos conseguem e os levam para a viatura. Treze, treze pessoas sendo arrastadas à força para os carros. Dentre elas, **Stormé DeLarverie** (uma lésbica butch, drag king, sapatona preta) que teve de ser arrastada mais de cinco vezes, pois seguia se soltando e fugindo, tentando se livrar da brutalidade policial e tentando dizer que sua algema estava apertada demais. De repente um estampido. O cassetete dele erguido no ar, ela caída no chão, o rosto sangrando. Ela vira para a imensa multidão concentrada na frente do bar e grita: “porque vocês não fazem algo?”.

A rebelião de Stonewall (The New York Daily News).



Atividade 2 – Cultura material

LGBTQIA+: os episódios de Stonewall e Ferro's Bar

Aquilo parece fazer soar um alarme e a multidão, como boa turba indignada que pode vir a ser, parece acordar. De repente voam moedas nos policiais: **moedas** atrás de **moedas**. Os policiais começam a revidar com porradas de **cassetetes** e, como retribuição, passam a receber **tijoladas, garrafadas, moedadas**, tudo que era possível de se alcançar e lançar [...] Pessoas “daquele tipo” não costumam revidar publicamente, sob o risco de serem ainda mais expostas. Mas revidaram. No dia seguinte e em mais seis dias subsequentes, multidões de pessoas de todas as letras da sigla LGBTQIA+ se reuniram no Christopher Park, próximo a Stonewall, e marcharam. Marcharam em protesto. Seis dias de conflito. Seis dias na rua. Isso foi o necessário para acender uma luta que esperava escondida (no armário?) em vários pontos do mundo [...].

Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 219–248, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/4153>



Stormé DeLarverie



O Monumento Nacional de Stonewall

Atividade 2 – Cultura material

LGBTQIA+: os episódios de Stonewall e Ferro's Bar

2ª etapa:



Analise os artefatos arqueológicos encontrados em Stonewall:



Arqueólogos frequentemente recuperam **joias falsas**, como strass e vidros decorativos. Esses itens geralmente são interpretados como peças de joalheria ou adorno, normalmente associadas a mulheres cisgênero, ou seja, mulheres designadas como tal ao nascer. No entanto, em Stonewall, não eram apenas mulheres cis que usavam joias e se enfeitavam com esse tipo de acessório.

Clubes da cidade de Nova York promovem bailes de drag desde o final do século XIX. Desde o início, esses bailes funcionavam essencialmente como bailes de sociedade para membros da comunidade queer nova-iorquina, especialmente pessoas então chamadas de imitadores femininos. Com o tempo, esses eventos se transformaram em competições, geralmente voltadas para drag queens e mulheres trans, nas quais os vencedores podiam ganhar troféus e prêmios em dinheiro.

Embora os primeiros bailes fossem integrados, o racismo influenciava fortemente as competições, e pessoas negras raramente venciam, já que a cena era inicialmente controlada por pessoas brancas de classe média. Como resposta, as comunidades afro-americanas e latinas de Nova York criaram sua própria cena de bailes, contornando o racismo, e essa cena cresceu rapidamente. Os bailes prosperaram no Harlem, mas o Stonewall Inn também sediava versões menores desses eventos.

Os bailes de drag eram normalmente ocasiões opulentas, independentemente da situação financeira dos participantes [...]. O uso de strass era comum nesses bailes. Bonnie Clark, vencedora do Baile da Hamilton Lodge em 1932, usava um vestido e chinelos cobertos de strass. Por isso, ao se encontrar uma joia falsa em um local como Stonewall, não se pode assumir automaticamente que pertencia a uma mulher cis. Na verdade, é mais provável que seja uma evidência dos bailes de drag, muitas vezes extravagantes, que ocorriam no Stonewall naquela época **(Fonte: Northeast Archeological Resources Program)**.

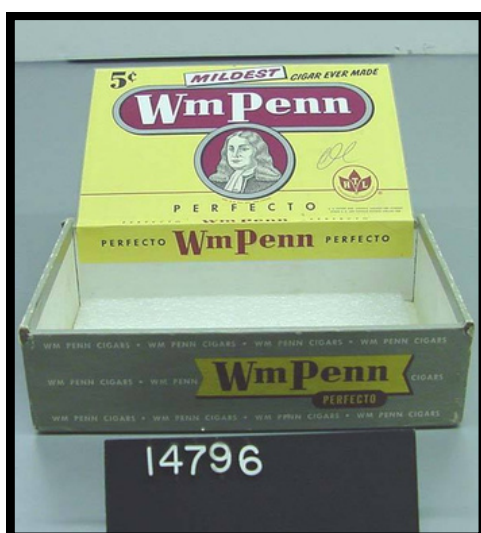
Atividade 2 – Cultura material

LGBTQIA+: os episódios de Stonewall e Ferro's Bar

2ª etapa:



Analise os artefatos arqueológicos encontrados em Stonewall:



Caixas de charuto, ou os vestígios delas, normalmente indicariam o consumo de tabaco. No entanto, muitas pessoas reutilizavam essas caixas para armazenamento. No caso do Stonewall, as caixas de charuto eram usadas para um propósito muito específico: esconder dinheiro. Como o Stonewall Inn não possuía licença para vender bebidas alcoólicas, a venda de álcool era ilegal. Qualquer dinheiro arrecadado com essas vendas poderia ser usado como prova de atividade criminosa [...] Segundo relatos de pessoas que frequentavam o local, todo o dinheiro arrecadado no Stonewall era guardado em caixas de charuto. Esse dinheiro podia ser retirado rapidamente e escondido com facilidade. Além disso, as caixas ofereciam uma forma de negação plausível sobre a venda de bebidas alcoólicas. Sem dinheiro visível ou uma registradora no local, onde estaria a prova de que estavam vendendo álcool ilegalmente? **(Fonte: Northeast Archeological Resources Program).**

Encontrar **tijolos** em um sítio arqueológico normalmente indica uma coisa — a presença de uma estrutura. Pode ser uma estrada, a fundação de um edifício ou uma lareira. Os tijolos ajudam a entender onde uma estrutura existiu e, por meio de sua fabricação e composição, os arqueólogos podem estimar a datação do local [...] Os tijolos normalmente só ganham importância como parte de um conjunto maior. No entanto, o contexto do Monumento Nacional de Stonewall pode mudar completamente o significado de um tijolo. Na primeira noite dos protestos, tijolos foram usados como ferramentas de resistência e ficaram famosos por terem sido lançados contra os policiais que invadiram o local e provocaram o grupo. Em Stonewall, um tijolo pode ser tanto evidência de uma estrutura quanto reinterpretado como uma arma de protesto **(Fonte: Northeast Archeological Resources Program).**



Atividade 2 – Cultura material

LGBTQIA+: os episódios de Stonewall e Ferro's Bar

3ª etapa:



Analise os registros fotográficos do Ferro's Bar ao longo do tempo:

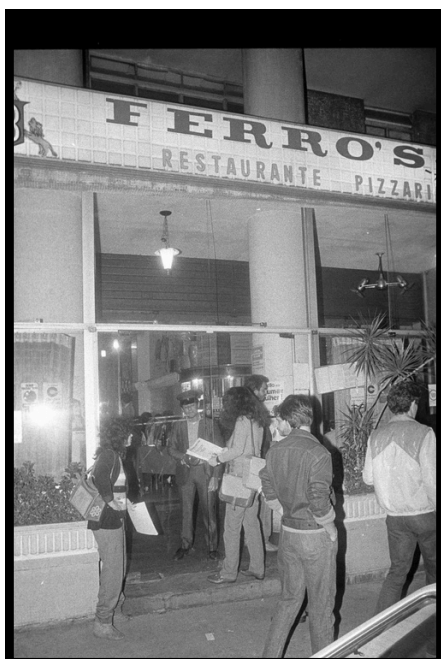


Foto do dia 19 de agosto de 1983, quando ocorreu o levante (Acervo Folha de São Paulo).



O Ferro's Bar em 1998 (Acervo pessoal Marisa Fernandes).



Após a venda do estabelecimento, em 1998, o local passou por reformas e descaracterização (Acervo Marisa Fernandes).

Atividade 2 – Cultura material LGBTQIA+: os episódios de Stonewall e Ferro's Bar

4ª etapa:

O **Stonewall Inn** foi tombado como monumento nacional nos Estados Unidos e é preservado como um importante local de memória LGBTQIA+. Já o **Ferro's Bar** foi fechado na década de 1990 e, desde então, o espaço passou por diferentes usos. Atualmente, abriga o vestiário dos funcionários da Famiglia Mancini, proprietária de dois restaurantes italianos de luxo na região.

Com base nas imagens, textos e discussões em sala, escreva um **texto reflexivo (mínimo de 15 linhas)** sobre os espaços de resistência Stonewall Inn e Ferro's Bar como lugares de memória da população LGBTQIA+.

Seu texto deve mostrar como esses espaços guardam vivências, afetos, lutas e marcas da história queer, seja por meio de objetos, lembranças ou ausências.

Aborde em seu texto os seguintes pontos:

- Por que esses espaços são importantes para a história e a memória da comunidade LGBTQIA+?
- Quais objetos, imagens ou símbolos ajudam a manter viva essa memória?
- Como a cultura material (objetos do cotidiano, cartazes, roupas, panfletos, etc.) pode preservar vivências que a história oficial muitas vezes apaga?

Capítulo 2 - Corpos em movimento

Material/Atividade	Categoria	Habilidades	Objetos de conhecimento
Verushka, pelo direito de ir e vir	INDIVÍDUO	Perceber-se como um sujeito histórico e político, agente da sociedade em que vive, considerando sua historicidade.	O sujeito e o seu lugar no mundo.
Histórias que se cruzam: “a santa dos travestis e homossexuais” conversa com Tatiana, “a romântica”, e Flávia, “a objetiva”	IDENTIDADE	Reconhecer e compreender o protagonismo, os estilos de vida, as identidades dos múltiplos sujeitos históricos, tais como crianças, juventudes, idosos, mulheres, jovens, idosos e população LGBTQIAP+, negros, imigrantes, quilombolas, indígenas, pessoas com deficiência/lesionadas, entre outros.	Identidades e protagonismos
Djalma Santos: artista plástico, travesti, showperson e gaúcho de Alegrete		Sensibilizar e desnaturalizar a violência física, simbólica e psicológica, exercendo a cidadania na proteção dos sujeitos históricos envolvidos e na resolução destas violências.	Identidades e violências.

Verushka, pelo direito de ir e vir



Verushka



Verushka, a do Fusca, foi uma travesti que ficou conhecida ao aparecer pela primeira vez na edição nº 10 do jornal Lampião da Esquina, publicada em março de 1979. Na capa do jornal, há uma fotografia marcante: Verushka aparece com uma roupa brilhante, em uma pose de diva de cinema, chamando a atenção com seu estilo e presença.

Ao lado da foto, o jornal destaca uma manchete que traz a luta de várias pessoas por direitos: “Minorias exigem em São Paulo: FELICIDADE DEVE SER AMPLA E IRRESTRITA. Verushka vai à luta pelo direito de ir e vir”.

Esse registro é importante porque evidencia a relevância do jornal Lampião da Esquina ao dar visibilidade às pessoas LGBTQIA+ e a outros grupos marginalizados, reforçando a luta por respeito, liberdade e o direito de viver com dignidade.

Verushka, pelo direito de ir e vir

Para se sustentar, Verushka, chamada de "nossa mulher-maravilha" pelo jornalista Aguinaldo Silva, trabalhava de duas formas: fazia shows como artista e também atuava como maquiador, usando o nome Vicente.

Ela morava havia quatro anos no Edifício Canindé, localizado no bairro de Fátima, no Rio de Janeiro. No entanto, sua rotina mudou quando o novo síndico do prédio, o sargento da Marinha Gérson Correia, começou a impedir que ela entrasse e saísse livremente de casa, desrespeitando seu direito de ir e vir.



Analise os excertos da fonte histórica:

Gerson Correia, sargento da Marinha, solteiro e adepto fiel da teoria de que homem, para ser homem, tem que falar muito alto e fazer gestos largos, tomou posse no cargo e imediatamente baixou uma série de editos, alguns arbitrários e ilegais, como este, que consta de um papel afixado na portaria: "Qualquer morador que quiser dar uma festa em sua residência terá que pedir autorização ao **Senhor Síndico** com 36 horas de antecedência. E não ficou só nisso o furor legislativo do **Senhor Síndico**: a alguns moradores dedicou editos especiais, que nem sequer foram redigidos, mas sim pronunciados por ele em tom enfático, como aquele que destinou a Vicente de Fluri, o travesti Verushka, morador do prédio há quatro anos: a partir de sua posse como síndico ele só poderia continuar usando o elevador social do prédio se trocasse suas vestimentas por roupas "estritamente masculinas".



Análise os excertos da fonte histórica:

Como o prédio só tem um elevador, Verushka achou o desaforo grande demais e resolveu tomar providências: através da advogada Aída Vaisberg impetrou uma ação inédita na 14ª Vara Cível: uma medida cautelar contra o síndico que, se julgada de acordo com a lei, firmará a seguinte jurisprudência: é inconstitucional querer forçar um cidadão, por qualquer motivo, a usar determinado tipo de vestimenta. Ainda mais que, no caso, as roupas de Verushka não são "estritamente femininas" — ele nunca saiu do prédio usando saia, por exemplo; a não ser que se queira considerar mentora da moda e guardiã da masculinidade a mente tortuosa do síndico, para o qual Vicente está vestido de mulher até mesmo quando sai de calça e T-Shirt, mas usando uma prosaica bolsa a tiracolo.

Lampião da Esquina, n. 10, 1979.



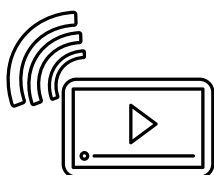


Responda:

1. O que o caso de Verushka nos revela sobre as condições enfrentadas por pessoas LGBTQIA+ na década de 1970?
2. Por que a imposição do síndico sobre as vestimentas de Verushka é considerada uma violação?

Travesti é uma identidade de gênero presente, em especial, na América Latina. Designa pessoas que foram designadas como homens ao nascer, mas que constroem suas existências no feminino, com expressões de gênero, nomes e corpos que afirmam essa feminilidade. No Brasil, o termo tem forte dimensão política e cultural, pois foi historicamente usado de forma pejorativa e, hoje, é reivindicado por muitas pessoas como símbolo de resistência e orgulho.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2012.



Fica a dica:

A canção "Balada de Gisberta", composta por Pedro Abrunhosa e interpretada por Maria Bethânia, é um potente grito de denúncia e memória. Ela narra, com lirismo e dor, a história real de **Gisberta Salce Júnior**, uma mulher trans brasileira brutalmente assassinada em Portugal. A música evoca empatia e reflexão sobre a violência contra pessoas LGBTQIA+, convidando o ouvinte a enxergar a humanidade por trás da marginalização.



Histórias que se cruzam: “a santa dos travestis e homossexuais” conversa com Tatiana, “a romântica”, e Flávia, “a objetiva”



Alice Soares



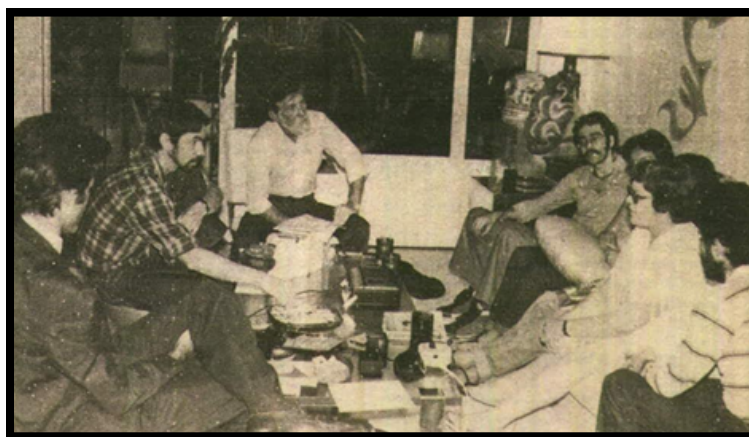
Tatiana

Na próxima história, conhecemos as vivências de três pessoas que se cruzam em uma mesma reportagem, intitulada **“Dois travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco”**. A matéria foi publicada na edição nº 19 do jornal Lampião da Esquina, em dezembro de 1979.

Um dos destaques da reportagem é a advogada **Alice Soares**, conhecida como a “santa dos travestis e homossexuais”. Ela atuava no Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto, da tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo. Junto a estudantes estagiários, Alice oferecia atendimento jurídico gratuito a pessoas em situação de vulnerabilidade, especialmente moradoras das periferias da cidade. **Entre os atendidos estavam operários, pessoas negras, travestis e prisioneiros anônimos, todos em busca de apoio para enfrentar injustiças e violências vividas no cotidiano.**

Alice: — Lá no Departamento Jurídico nós somos uma espécie de ponta de lança contra a discriminação e o preconceito.

Histórias que se cruzam: “a santa dos travestis e homossexuais” conversa com Tatiana, “a romântica”, e Flávia, “a objetiva”



Equipe do jornal Lampião da Esquina entrevistando Alice, Flávia e Tatiana

Flávia, de 22 anos, é descrita pela reportagem como uma pessoa objetiva, que fala claramente sobre sua vida. Ela contou ao jornal Lampião da Esquina sua história sem esconder nenhum detalhe.

A jovem saiu do interior de São Paulo por volta de 1973, quando sua família a internou no hospital psiquiátrico Américo Barreiro, na cidade de Itatiba. Para Flávia, essas internações foram experiências muito difíceis e dolorosas. Já para a família, isso era visto como uma forma de tratar o que eles achavam ser uma doença.

Sobre o tempo que passou no hospital, Flávia contou:

“[...] pra ver se eu tirava isto da minha cabeça, se eu virava homem. Eles me davam drogas, choque, medicação, e aí eu fiquei pirada”.



Flávia

Histórias que se cruzam: “a santa dos travestis e homossexuais” conversa com Tatiana, “a romântica”, e Flávia, “a objetiva”

Na cidade de São Paulo, Flávia conseguiu um emprego formal como empregada doméstica em uma casa onde aceitavam sua identidade como mulher trans.

Mas, certa vez, quando saiu para aproveitar a noite na cidade, Flávia foi parada pela polícia durante uma revista. Como havia esquecido a carteira de trabalho em casa, ela foi levada para a delegacia e ficou presa por quatro dias. Quando saiu da prisão, Flávia já não tinha mais o emprego que tinha conseguido.



Analise o excerto da fonte histórica:



Flávia — Limpava, lavava prato e cozinhava. De noite, dava minhas voltinhas. Até que uma noite, eu entrei em cana, entende? Tinha esquecido a carteira profissional em casa — eu tinha a carteira assinada —, e eles me levaram. Fiquei três, quatro dias preso, e aí saiu meu retrato no “Notícias Populares”, com a foto e meu nome certinho, assim — “Flávia, o travestiladrão, se virando na Avenida Bandeirantes”. Era tudo mentira, mas minha patroa ficou apavorada e me mandou embora. Daí, eu me joguei de vez na viração.

Lampião da Esquina, n. 19, 1979.



Responda:

1. Quem são os personagens principais da narrativa e como suas histórias se conectam?
2. Quais foram os desafios enfrentados por Flávia, tanto no ambiente familiar quanto no social?
3. Qual foi o papel de Alice Soares e por que ela foi chamada de “a santa das travestis e homossexuais”?



Cruzando fontes:

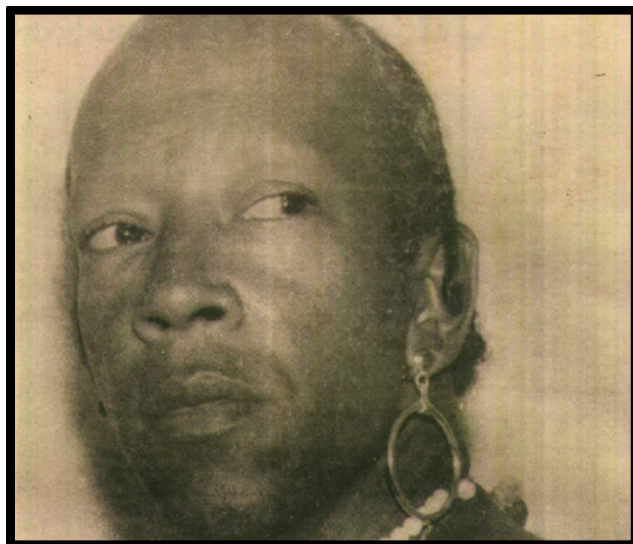
Observe a imagem abaixo:



<https://crp16.org.br/crp-16-coloca-na-pauta-visibilidade-das-pessoas-lgbts-e-violencia-contra-essa-populacao/>

Responda: Você sabe por que o dia 17 de maio foi escolhido como o Dia Internacional de Combate à Homofobia, à Transfobia e à Bifobia? De que forma o lema “Não há cura para o que não é doença” se relaciona com a história de Flávia?

Djalma Santos: artista plástico, travesti, showperson e gaúcho de Alegrete



Djalma



Autorretrato - Minha Segunda Morte (Fonte: Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS)

Djalma Santos foi um artista plástico e travesti, nascido em Alegrete, no Rio Grande do Sul. **Ele se definia como “filho de Xangô, com a cabeça feita por Mãe Sara de Iansã”, em referência às tradições religiosas afro-brasileiras.**

Trabalhou como professor de Arte em São Lourenço do Sul, uma pequena cidade do interior gaúcho. Apesar de ser muito querido por seus alunos, sua vida mudou drasticamente quando os pais deles descobriram que Djalma era negro e homossexual. A partir de então, passou a enfrentar intenso preconceito e hostilidade por parte da comunidade local.

Mesmo após ter sido apedrejado por moradores da cidade, Djalma resistiu por cerca de dois anos às perseguições. **Durante esse período, viveu isolado em um hotel, saindo apenas para trabalhar.** A violência e a discriminação foram tão intensas que ele acabou abandonando a carreira de professor.

Djalma Santos: artista plástico, travesti, showperson e gaúcho de Alegrete

Ao se mudar para o Rio de Janeiro, passou a atuar como artista e figurinista. Ganhou destaque ao confeccionar a roupa da primeira Miss Universo brasileira, **Ieda Maria Vargas**, e começou a ser procurado por figuras da alta sociedade para fazer retratos. **No carnaval carioca, especialmente na Vila Kennedy, tornou-se conhecido por seus figurinos para escolas de samba.** Além disso, Djalma enfrentou a luta contra o alcoolismo e encontrou na espiritualidade uma forma de enfrentar as dificuldades da vida



Retrato de Ieda Maria Vargas, 1977 (Fonte: Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS)



Responda:

1. Quem foi Djalma Santos, segundo o texto apresentado?
2. Quais aspectos de sua identidade são destacados?
3. Como foi a experiência de Djalma Santos como professor no interior do Rio Grande do Sul? O que motivou sua saída da carreira docente?
4. Qual foi a reação da comunidade de São Lourenço do Sul ao descobrirem que Djalma era negro e homossexual?
5. Considerando o contexto em que o jornal Lampião da Esquina foi publicado, qual a importância de dar visibilidade a histórias como a de Djalma Santos?



Pesquise:

Você já parou para pensar sobre empregabilidade LGBTQIA+? Em sites confiáveis, investigue:

- Quais são os principais obstáculos enfrentados por pessoas LGBTQIA+ para conseguir ou manter um emprego?
- Como o preconceito, a transfobia ou a homofobia impactam a vida profissional dessas pessoas?
- Existem dados ou estatísticas que mostram desigualdades salariais ou de acesso a cargos de liderança?

CARNAVAL: UMA FESTA GUEI?

Dica de leitura:

O livro **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**, do historiador **James Green**, é uma das obras mais importantes sobre a história da homossexualidade no Brasil. A partir de entrevistas, arquivos e documentos históricos, o autor analisa como homens homossexuais viveram suas sexualidades em meio à repressão, ao preconceito e também à celebração, especialmente no espaço simbólico e político do carnaval. A obra mostra como o carnaval foi ao mesmo tempo um espaço de expressão e de tensão para as identidades dissidentes.

E o direito de ir e vir?

No País do Carnaval, os machões podem se desrecalcar vestindo-se de mulher em fevereiro. O mesmo parece ser crime durante o resto do ano, quando os machões se vestem de machões. Que o digam os travestis, continuamente presos e humilhados sob as mais diversas alegações. Mas já tem gente protestando. Em São Paulo, o travesti Kioko (aliás, Pedro Teruo) estava passeando pela avenida enquanto Seu Lobo não vinha mas aí Seu Lobo apareceu: Kioko passou uma semana na cadeia, sem que ao menos pudesse ser acusado de vadiagem (ele é costureiro por profissão). Então, resolveu procurar um advogado e entrou com pedido de habeas-corpus. Depois de muito vaivém, o Tribunal de Justiça lhe reconheceu, por unanimidade, o direito de livre-trânsito, considerando que o trotar, seja masculino ou feminino, não merece punição desde que não perturbe a moral ou a ordem pública. Hoje, Kioko carrega consigo um salvo-conduto fornecido pela Justiça, garantindo-lhe o direito de passear à vontade. Exibir um salvo-conduto nada mais é do que o amargo atestado de que nos falta até mesmo o direito de andar. Afinal, quem define leis e direitos no País do Carnaval? Basta abrir os jornais. (L.S.T.)

Texto escrito por João Silvério Trevisan, presente na edição de nº 1 do Lampião da Esquina.



Material/Atividade	Categoria	Habilidades	Objetos de conhecimento
Sufoco na Argentina: Um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla	RELAÇÕES DE PODER	Compreender o Estado como uma das formas de manifestação organizada das relações de poder, considerando a dimensão histórica.	Relações de poder e Estado.
Atividade 3 - Relatório		Compreender experiências ditatoriais, seus procedimentos e vínculos com o poder em sua historicidade, e a atuação de movimentos de contestação às ditaduras, considerando as escalas e as espacialidades.	
Atividade 4 - Carta do Exílio			
O Movimento pela Liberação Homossexual nos EUA e a figura de Harvey Milk	DIVERSIDADES	Identificar e compreender os direitos humanos, no âmbito das ações coletivas e movimentos sociais, como geradores de ações afirmativas e de medidas compensatórias das diferentes frações de classe (gênero, etnia, geração, raça, deficientes, dentre outros).	Direitos humanos, ações coletivas e movimentos sociais.
Atividade 5 - Explorando arquivos históricos LGBTQIA+	SAÚDE	Perceber como as iniquidades sociais impactam a saúde dos indivíduos e grupos sociais, considerando as interseccionalidades de gênero, geração, raça/etnia, da população LGBTQIAP+, de deficientes, entre outras.	Ciências humanas e saúde.
Ecos de um Mundo em Luta	PODER	Identificar e problematizar as formas de violência de Estado, em suas diversas escalas, espacialidades e temporalidades, territorialidades e historicidades, como elas se interseccionam com os diferentes sujeitos históricos, especialmente mulheres, negros, afro-brasileiros, indígenas, quilombolas, caboclos(as), povos originários, população LGBTQIAP+, entre outros.	Poder, Estado e violência.
AMOR, FEIJÃO, ABAIXO O CAMBURÃO: resistência às ações policiais de Richetti			
Atividade 6 - Memórias LGBTQIA+ entre violências e resistências		Compreender as emergências dos movimentos sociais nos conflitos entre as relações de produção e os processos de permanência e transformação da realidade social.	Movimentos sociais e as transformações da Sociedade.

Sufoco na Argentina: Um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla



Nos anos de 1960, as constantes batidas da **Seção de Moralidade da Polícia Federal** em bares e saunas resultaram na prisão de “dezenas de homossexuais, baseando-se unicamente em seu critério: todo o homossexual é um escândalo público, ou um possível corruptor” (Lampião da Esquina, n. 7, 1978, p. 6). Em meados de 1971, **Nuestro Mundo**, o primeiro grupo homossexual argentino, dá origem a **FLH - Frente de Libertação Homossexual**; composta em sua maioria por escritores, advogados, médicos, psicanalistas, jornalistas e professores, a Frente de Libertação Homossexual chegou a contar com cerca de 100 ativistas entre os anos de 1972 e 1973.

A volta do **peronismo** ao poder em 1974, sob o comando de **Isabelita Péron**, não significou uma mudança na repressão sofrida pelos homossexuais argentinos. Um exemplo disso, foram as “campanhas de moralização” promovidas pelo governo peronista em espaços frequentados por gays, travestis e lésbicas, onde “pelotões da polícia cortavam os cabelos compridos e rasgavam as roupas consideradas “ambíguas” (calças compridas para as mulheres, salto alto para os rapazes etc.); chegaram a torturar sadicamente aquelas pessoas consideradas “esquisitas” - basicamente homossexuais e hippies” (Lampião da Esquina, n. 21, 1980, p. 14).

Sufoco na Argentina: Um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla



A edição de dezembro de 1978, do jornal *Lampião da Esquina*, trazia como matéria de capa a reportagem **“Latinamérica: NA TERRA DOS HOMBRES, PAULADA NAS BONECAS!”**, destacando a perseguição promovida por **órgãos repressores das ditaduras militares do Cone Sul** sobre corpos sexuais dissidentes. A frequência com que tal temática foi abordada durante a existência do jornal *Lampião da Esquina*, indica uma preocupação por parte de seus editores com as “bonecas” de países, tais como, **Argentina** e **Chile**. A nota “Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento do exílio”, publicada na edição de número 7, foi escrita por **Ricardo** e **Héctor**, membros da **Frente de Libertação Homossexual (FLH)** que viviam exilados na Espanha; e fornece um consistente relato sobre como a chegada dos militares ao poder afetou a luta pelos direitos homossexuais na América Latina.

Ilustração presente reportagem “Sufoco na Argentina: Um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla” (Autor desconhecido).



Atividade 3 - Relatório

Situação-problema: Você faz parte de uma comissão de direitos humanos encarregada de investigar e produzir um relatório oficial sobre as violações cometidas contra pessoas LGBTQIA+ na América Latina durante as décadas de 1960 e 1970.

Seu papel é compreender como se deu a repressão durante esse período, relacionar esses fatos com a realidade atual e produzir um relatório que ajude a sociedade a refletir sobre a importância da memória histórica na luta por direitos.



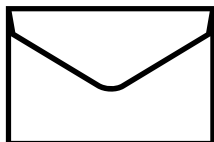
O relatório deverá considerar os seguintes pontos:

- O que motivava a repressão contra pessoas LGBTQIA+ nas décadas de 1960 e 1970?
- Quais instituições participaram da repressão (polícia, governo, igreja, mídia etc.)?
- Que grupos de resistência existiram?
- Existem avanços em leis, visibilidade ou políticas públicas? Quais são os desafios atuais?

Atividade 4 - Carta do Exílio

Situação-problema: Imagine que você é uma pessoa LGBTQIA+ vivendo no Brasil ou na Argentina durante os anos 1970, período marcado por ditaduras militares e forte repressão às identidades dissidentes. Por conta da perseguição, você foi forçado(a/e) a fugir de seu país e viver no exílio.

Sua tarefa é escrever uma “Carta do Exílio”, como se fosse esse personagem fictício.



A carta deve relatar:

- O que o(a/e) levou ao exílio;
- Como era a vida antes e durante a repressão;
- Os sentimentos em relação à fuga e à distância de casa;
- Reflexões sobre identidade, medo, resistência e esperança.

<p>Faça de LAMPIÃO da Esquina o seu jornal. Assine agora.</p>	<p>● Desejo receber uma assinatura anual de LAMPPIÃO da Esquina ao preço de Cr\$ 180</p>
	<p>Nome _____</p>
	<p>Endereço _____</p>
	<p>CEP _____ Cidade _____ Estado _____</p>
<p>Envie cheque ou vale postal para a Esquina – Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. – Caixa Postal 41031 – Santa Teresa – Rio de Janeiro-RJ, CEP 20241</p>	

O Movimento pela Liberação Homossexual nos EUA e a figura de Harvey Milk



Cidades como Chicago, Nova Iorque, Los Angeles e São Francisco já contavam, na década de 1950, com territórios bem definidos onde pessoas lésbicas e gays conseguiam formar comunidades. Apesar dessa relativa aceitação nos grandes centros urbanos, práticas consideradas imorais continuavam sendo alvo de repressão. Um exemplo disso foi a chamada Lavender Scare, uma onda de perseguição a homossexuais que aconteceu nos Estados Unidos entre o fim dos anos 1940 e o começo dos anos 1960, impulsionada pelo clima político do macartismo.

Em São Francisco, cidade conhecida por sua diversidade e um destino comum para gays e lésbicas em busca de liberdade, a repressão foi intensa. A polícia invadia bares, patrulhava locais de encontro e fazia batidas nas ruas, tentando afastar as pessoas LGBTQIA+ da cidade. No entanto, essa repressão não teve sucesso. A resistência da comunidade na Costa Oeste foi crescendo, e, com o tempo, começaram a surgir os primeiros grupos organizados politicamente.

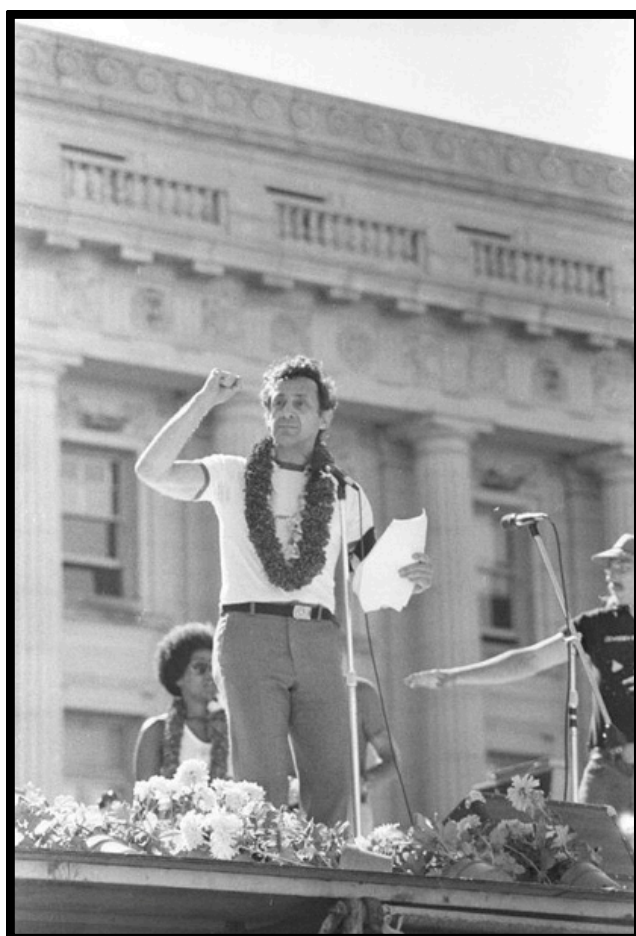
Registro da passeata ocorrida em São Francisco (1979).



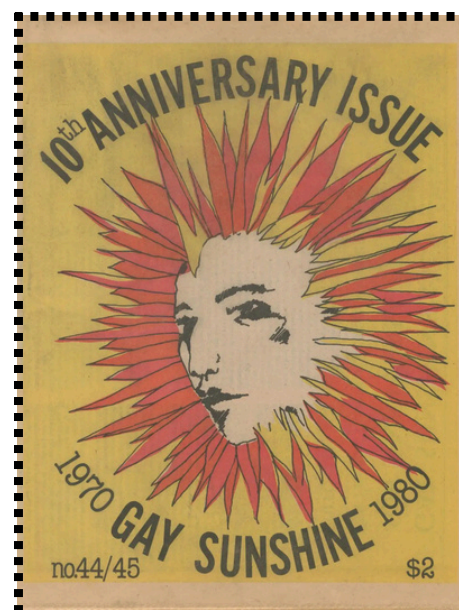
O Movimento pela Liberação Homossexual nos EUA e a figura de Harvey Milk



Um reflexo dessa mobilização apareceu no final dos anos 1970, quando o jornal *Lampião da Esquina* publicou a nota “Passeata gay reúne 240 mil”, sobre uma grande manifestação em São Francisco. Foi nessa cobertura que o jornal mencionou pela primeira vez Harvey Milk, o primeiro homem abertamente gay a ocupar um cargo público no estado da Califórnia. Sua eleição foi um marco importante na luta por direitos e visibilidade da comunidade LGBTQIA+.



Harvey Milk na Parada do Dia Gay de São Francisco, em 1978.



Gay Sunshine foi uma das publicações mais influentes do movimento de libertação gay nos Estados Unidos. Criado em 1970, em São Francisco, destacou-se por divulgar poesia, literatura e entrevistas que afirmavam o orgulho e a cultura homossexual.

O Movimento pela Liberação Homossexual nos EUA e a figura de Harvey Milk

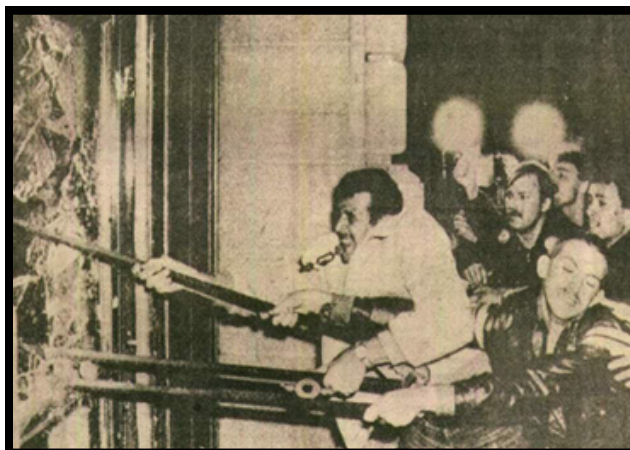


A edição nº 8 do *Lampião da Esquina*, publicada em janeiro de 1979, trouxe a matéria **“Morte em San Francisco”**, escrita por João Silvério Trevisan. **O texto relatava o assassinato de Harvey Milk, o primeiro vereador abertamente gay da Califórnia, e de George Moscone, prefeito de São Francisco e aliado da comunidade LGBTQIA+.** O crime foi cometido em novembro de 1978 por Dan White, um ex-policial e ex-vereador, que invadiu a prefeitura e atirou nos dois a queima-roupa.

Durante o julgamento, Dan White alegou estar em um estado de depressão profunda e nervosismo, dizendo que sua alimentação desregrada, baseada em Coca-Cola e comidas industrializadas, havia contribuído para seu descontrole. A pena branda recebida por ele gerou revolta. A impunidade pelo assassinato de Milk, somada às constantes batidas policiais em bares, boates e outros espaços frequentados por gays, lésbicas e travestis, desencadeou uma onda de protestos violentos.

As manifestações aconteceram principalmente entre as ruas Castro e Market, em São Francisco, em março de 1979. Esse momento marcou uma reação firme da comunidade LGBTQIA+ diante da violência e da injustiça.

Homossexuais invadem
a prefeitura de São
Francisco



Atividade 5 - Explorando arquivos históricos LGBTQIA+

1ª etapa:

Acesse os sites:

Acervo geral da **GLBT Historical Society**:

<https://www.glbthistory.org/online-resource>

Obituários do jornal **Bay Area Reporter**:

<http://obit.glbthistory.org/olo/index.jsp>

Explore as seções dos dois arquivos:

“Online Exhibitions” - exposições virtuais já organizadas.

“Collections & Archives” - materiais históricos diversos (imagens, objetos, vídeos, cartas etc.).

“Obituários” - histórias de pessoas LGBTQIA+ que faleceram, principalmente em decorrência da epidemia de AIDS.

Pesquise e selecione:

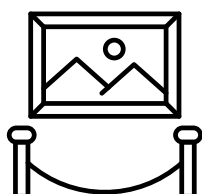
De 3 a 5 itens do acervo geral (fotos, objetos, cartas, vídeos, panfletos, jornais etc.).

- Escolham ao menos um obituário no site <http://obit.glbthistory.org/olo/index.jsp> e criem uma homenagem virtual à pessoa: **Quem foi ela? Como viveu? Como a perda dela representa parte da história LGBTQIA+? O que mais chamou a atenção na leitura?**

Atividade 5 - Explorando arquivos históricos LGBTQIA+

2ª etapa:

Criem uma exposição virtual no Canva:



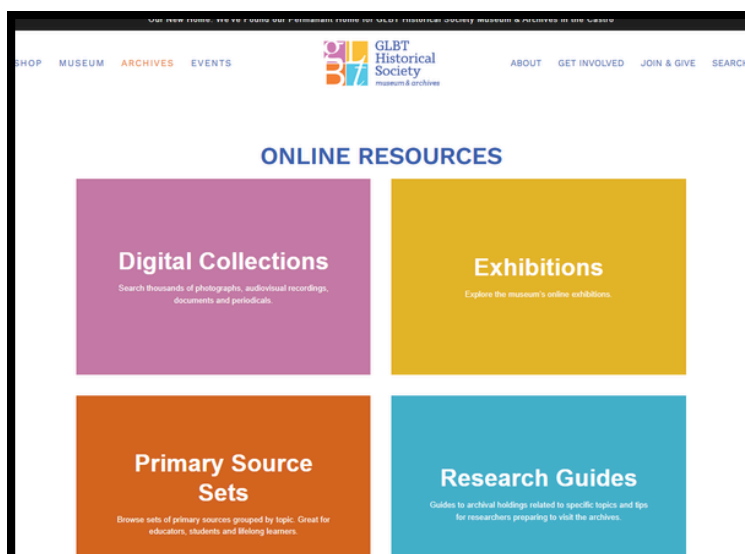
A exposição deve conter:

Introdução geral: Explicando o papel dos arquivos na preservação da história LGBTQIA+, e a importância de visibilizar vozes que foram silenciadas ou esquecidas.

Galeria virtual com os itens escolhidos do acervo geral, com:

- Descrição do objeto;
- Contexto histórico;
- Relevância e interpretação do grupo;
- Sessão especial – Obituários e a Epidemia de AIDS.

Print da tela de busca do site da GLBT Historical Society



Rikki Streicher e amigos, por volta da década de 1950 (GLBT Historical Society).

Atividade 5 - Explorando arquivos históricos LGBTQIA+

Tutorial para navegar pelos obituários do Bay Area Reporter:

The screenshot shows the website interface with the following elements:

- Logos for GLBT Historical Society and Bay Area Reporter.
- Text: "ONLINE SEARCHABLE OBITUARY DATABASE"
- Introduction: "The GLBT Historical Society of Northern California in cooperation with the Bay Area Reporter has created this searchable database of all obituaries that have appeared in the Bay Area Reporter since it began publishing them in 1972."
- Search options: "Search by name" and "Search by date".
- Buttons: "View our guestbook" and "Visit a random obituary".
- Footer: "Number of database searches since World AIDS Day December 1, 2009: 812222"

Você deve clicar em “**Visite um obituário aleatório/Visit a random obituary**”

The obituary text is as follows:

LIFE GOES ON AND HIS SPIRIT LIVES

**In Memory Of
WAYNE FRANCIS SMOLEN**

Wayne died on Dec. 3, 1981, after a long period of illness. He was 28 years old and is survived by his father, 3 brothers and a sister. He was active in the election of supervisor Harvey Milk, was a founding member of Off The Wall Cinema at City College and also Frameline. Wayne was a co-chairman of the 1981 3rd International Gay Film Festival sponsored by Frameline. Inquiries may be made at 621-3683, ask for Rick.

Exemplo de um dos obituários disponíveis no banco de dados.

The close-up shows the following text and button:

Visit a random obituary

Click the button below to view a randomly selected obituary in the database.

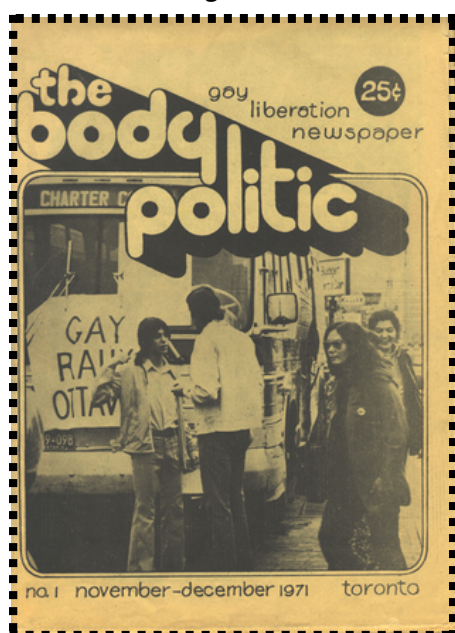
View random obituary

Ecoss de um Mundo em Luta

“Quem poderia imaginar que na **Colômbia** existisse um movimento de conscientização homossexual?” (Lampião da Esquina, n. 10, 1979, p. 4), o Lampião da Esquina pergunta aos seus leitores ao destacar o **jornal El Otro**, e a **revista Ellos y Su Mundo**; a mesma nota também divulga o francês **Quand les femmes s’alment**, publicação do Groupe de Lesbiennes de Lyon.

A edição de número 11 do Lampião da Esquina, publicada em abril de 1979, traz um texto escrito por Mike Johnstone, Denis Leblanc e John Duggan, membros da **CCDLG - Coalizão Canadense pelos Direitos das Lésbicas e dos Gays**, que através do **jornal Body Politic**, buscavam “assegurar os direitos humanos fundamentais às pessoas homossexuais, direitos que nos são sempre recusados pela maioria heterossexual” (Lampião da Esquina, n. 11, 1979, p. 3); a nota redigida em tom de denúncia, enfatiza que a censura sobre o jornal Body Politic por parte das autoridades locais, possui relação com as diversas batidas policiais em espaços de socialização de gueis e lésbicas, como a invasão da polícia de Montreal ao Truxx Crusing Bar, e a blitz da polícia de Toronto contra o The barracks, clube-sauna frequentado por homens homossexuais.

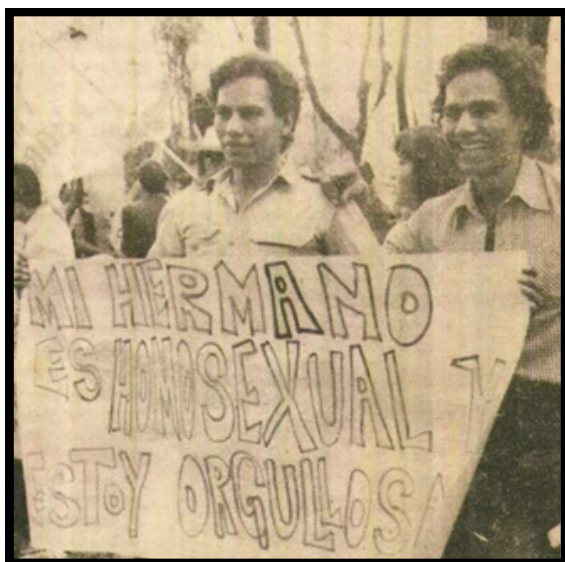
A primeira edição do jornal
Body Politic.



Ventana Gay foi o projeto editorial mais conhecido e duradouro do movimento de libertação homossexual colombiano. Considerado um marco histórico, publicou vinte edições entre 1980 e 1983.

Ecoss de um Mundo em Luta

As paradas de celebração do “Dia Mundial do Orgulho Gay” no mês de junho, em alusão à Revolta de Stonewall, também eram noticiadas pelo jornal *Lampião da Esquina*. De acordo com a matéria **“No México, a vez dos jotos e lesbianas”**, escrita por Anton Leicht, os grupos **Lambda, Lésbicas Feministas Socialistas e Frente Homossexual de Acción Revolucionaria - FHAR**, reuniram mais de 800 pessoas na “maior manifestação de homossexuais até hoje registrada na América Latina” (*Lampião da Esquina*, n. 19, 1979, p. 3). Juan Jacobo Hernandez, membro da FHAR mexicana e fonte do *Lampião da Esquina* para a reportagem, afirma que a cada ano cerca de 80 homossexuais são assassinados no México, e as autoridades nada fazem; pelo contrário, após a manifestação ocorrida em 26 de junho de 1979, a repressão policial sobre as homossexualidades, através de batidas em bares e saunas, se intensificou: “A última e mais espetacular aconteceu há alguns meses quando cerca de 100 gueis foram presos num bar da Cidade do México. Duas semanas antes, quatro homossexuais, todos menores, foram encontrados assassinados” (*Lampião da Esquina*, n. 19, 1979, p. 3).



Registros da mobilização ocorrida no **México**.



Ecoss de um Mundo em Luta

Em 30 de junho do mesmo ano, Addy, correspondente do Lampião da Esquina em **Londres**, esteve cercada de “folia, balões de gás coloridos, abraços e beijos, batons vermelhos e gravatas por todos os lados [...]” (Lampião da Esquina, n. 16, 1979, p. 20) em um evento de celebração do Orgulho Gay realizado no Hyde Park. **Dentre as diversas fotos retiradas por Addy, no festival que comemorava o décimo aniversário da Revolta de Stonewall, está uma do casal lésbico Sarah e Kelly ao lado de sua filha Scheila, de onze anos.**

Fotografias do Dia do Orgulho Gay em **Londres**, no ano de 1979, publicadas na edição de n. 28 do Lampião da Esquina.



AMOR, FEIJÃO, ABAIXO O CAMBURÃO: resistência às ações policiais de Richetti



Em maio de 1980, um novo personagem começou a marcar a história da cidade de São Paulo: o delegado **José Wilson Richetti**. Sob o pretexto de “limpar” a cidade de pessoas consideradas marginais ou diferentes, ele iniciou a chamada **Operação Cidade**, também conhecida como “rondão”. Eram blitz inesperadas em lugares vistos como suspeitos, realizadas por dezenas de policiais, que atuavam 24 horas por dia.

A população LGBTQIA+ que frequentava a noite da cidade tinha pouca proteção. A única forma de se resguardar era recorrer à Justiça para obter um salvo-conduto, um documento que podia impedir prisões arbitrárias feitas durante as operações.

Os abusos cometidos por Richetti não passaram despercebidos pelos movimentos sociais da época. Mesmo com dificuldades internas, o movimento LGBTQIA+ se uniu aos movimentos feminista e negro e foi às ruas protestar. No dia 13 de junho de 1980, uma passeata terminou em frente ao Teatro Municipal, com gritos de união e resistência, como: **“O guei unido jamais será vencido”** e **“Amor, feijão, abaixo o camburão”**.

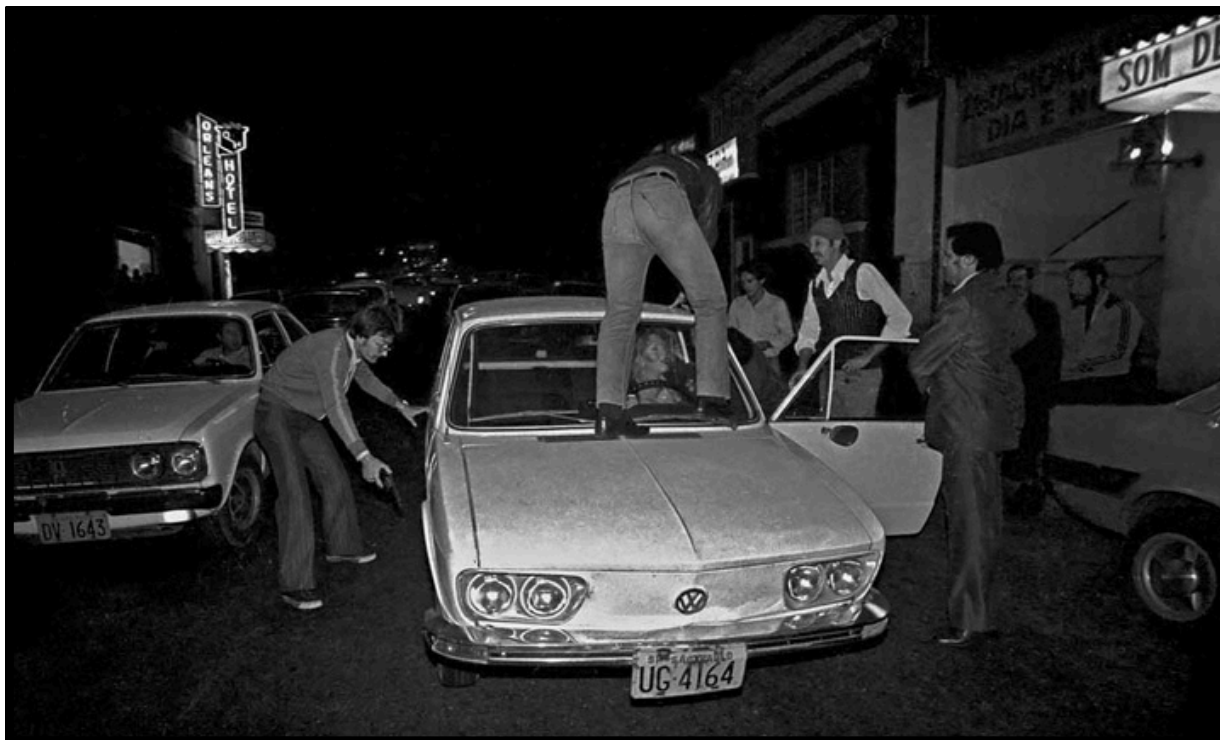


Batidas policia lideradas
por Richetti.



Atividade 6 - Memórias LGBTQIA+ entre violências e resistências

1ª etapa: Analise atentamente as imagens da Operação Cidade e dos protestos.



Policiais comandados pelo delegado José Wilson Richetti (à direita, de terno) abordam um carro conduzido por uma travesti durante uma ronda policial no centro de São Paulo, no início da década de 1980. **Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo/Reprodução: Memorial da Resistência.**



Policiais civis de São Paulo rendem e algemam uma travesti durante uma operação no centro da cidade, evidenciando a violência e o controle policial direcionados à população LGBTQIA+ naquele período. **Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo/Reprodução: Memorial da Resistência.**

Atividade 6 - Memórias LGBTQIA+ entre violências e resistências



A foto registra o protesto realizado em 13 de junho de 1980, em frente ao Theatro Municipal de São Paulo, quando movimentos LGBTQIA+, feministas e negros se uniram contra a violência policial liderada pelo delegado Richetti. O ato marcou um momento importante de resistência e de reivindicação por direitos e respeito à diversidade.

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo/Reprodução: Memorial da Resistência.

Responda:

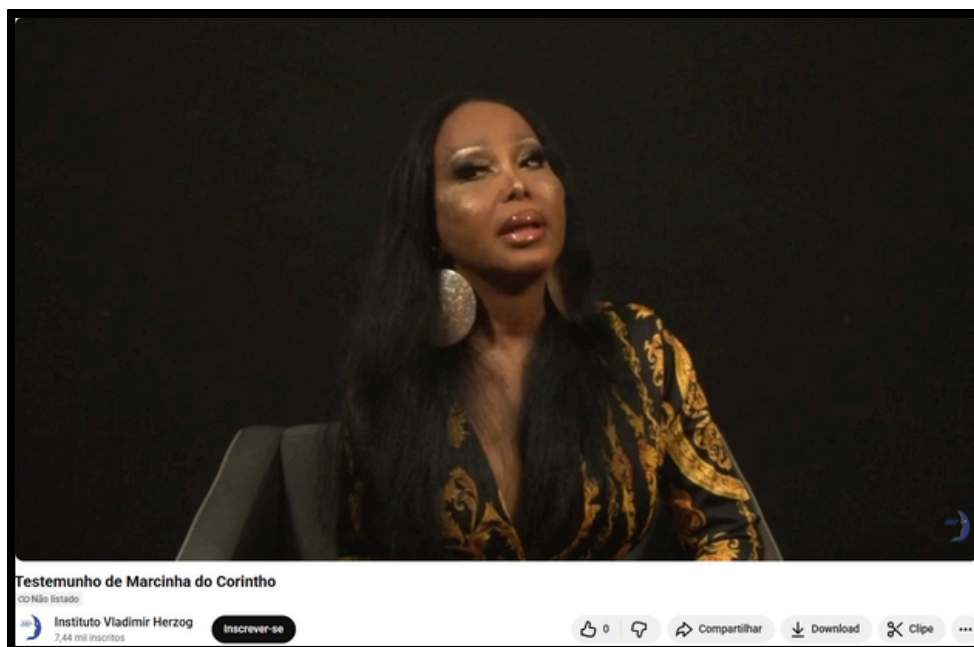
- Quem aparece nas fotos?
- O que está acontecendo?
- Que sentimentos as imagens transmitem?
- Que sinais de resistência você identifica nelas?

Dica: olhe os detalhes — cartazes, gestos, expressões, roupas, presença da polícia. Eles contam muito sobre o clima da época.

Atividade 6 - Memórias LGBTQIA+ entre violências e resistências

2ª etapa: Assista ao vídeo **Testemunho de Marcinha do Corinthians**.

Enquanto assiste, anote no seu caderno ou no espaço abaixo:



Testemunho de Marcinha do Corinthians, produzido pelo Instituto Vladimir Herzog, que relata experiências de violência policial e resistência da comunidade LGBTQIA+ em São Paulo nos anos 1980.

Clique aqui para assistir: https://youtu.be/npJ6HZaE8AI?si=Menp_nYjNia8xYVZ

Responda:

- O que Marcinha conta sobre as batidas policiais?
- Que emoções aparecem em seu relato?
- O que o depoimento dela revela sobre ser LGBTQIA+ naquele período?

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, Flora Villas. **Por cidades queer, por cartografias sapatonas**: ensaio arqueológico sobre o Stonewall Inn e o Ferro's Bar como lugares de memória LGBTQIA+. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 219-248, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/41532>. Acesso em: 4 nov. 2025.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2012.

JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA. 1978 a 1979. Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - CEDOC LGBTI+. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/>. Acesso em: 3 jun. 2024.

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL (Brasil). **Mapa: material de apoio do Professor Aliado**. São Paulo: MDS, [s.d.].

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo base do ensino médio do território catarinense**: caderno 1 - disposições gerais. Florianópolis: Coan, 2021a.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo base do ensino médio do território catarinense**: caderno 2 - formação geral básica. Florianópolis: Coan, 2021b.



LAMPIÃO

Rio de Janeiro, dezembro, 1979 - Cr\$ 25,00

Leitura para maiores de 18 anos

da esquina



LIBERTÁRIOS

As mais explosivas entrevistas já feitas no Brasil sobre Política Sexual

1 fernando gabeira
2 Abdias Nascimento

3 ney matogrosso
4 lecy brandão

5 anselmo vasconcelos
7 LAPIENE GIORIA

6 Antonio CALMON
8 clodovil